

## DO INDIVIDUAL AO COLETIVO: VOZES DIVERSAS E DISPERSAS EM MENINO MAMBA-NEGRA

Lunara Gomes<sup>1</sup>

**Referência bibliográfica:** MOHAMED, Nadifa. **Menino mamba-negra**. Tradução Marina Della Valle. São Paulo: Tordesilhas, 2021.

Nadifa Mohamed estreia no mercado literário com *Menino mamba-negra*. A escritora que cresceu no Reino Unido não deixou de reverenciar suas raízes ao se inspirar na história do próprio pai, um somali que trabalhou como marinheiro mercante pela Grã-Bretanha nas décadas de 1930 e 1940. A autora justifica sua escrita desta maneira:

Sou o griô de meu pai, este é um hino a ele. Conto a você esta história para poder transformar o sangue e os ossos de meu pai – e seja qual for a mágica que a mãe dele costurou debaixo de sua pele – em história. Para transformá-lo em herói; não o tipo lutador ou romântico, mas o real, a criança faminta que sobrevive cada pedra ou flechada que a sorte desavergonhada joga contra ela e que agora pode sentar-se e contar as histórias de todos os que não conseguiram. Conto a você esta história porque ninguém mais vai contar. Chamemos os espíritos dos nove mil meninos que tolamente lutaram nas montanhas da Eritreia por Mussolini, que eram parecidos com meu pai, viveram como ele, mas tiveram suas vidas interrompidas por machados sem fio, os que morreram de fome, os que ficaram loucos e os que simplesmente desapareceram (MOHAMED, 2021, p. 9).

O romance que combina aventura e contexto histórico tem como personagem principal Jama, um menino de 10 anos, habitante do Áden (Cidade do Iêmen), em 1935. Após perder sua mãe de maneira inesperada, Jama decide ir em busca do pai que nunca chegou a conhecer. Tendo como destino final a Somália, lugar de origem dos seus ancestrais nômades, o menino realiza uma grande jornada épica que passa por locais como Djibouti, pela Eritreia e Egito. Ao apresentar aspectos culturais desses países africanos, inclusive através de expressões somalis, Nadifa Mohamed propõe uma reflexão acerca dos desdobramentos da II Guerra mundial na África. A partir do romance, pode-se conjecturar alguns rastros de destruição ocasionados pelas forças fascistas italianas, bem como pela disputa entre essas e os colonizadores britânicos pelo Chifre da África. Com esse panorama, o leitor é colocado à frente de trechos difíceis de ler devido à crueldade típica de um cenário de guerra. Ainda assim, o protagonista de sua própria história demonstra uma imensa resistência ao mesmo tempo que acompanhamos seu forçado amadurecimento.

---

<sup>1</sup> Email: [lunaracnascimento@gmail.com](mailto:lunaracnascimento@gmail.com)

Da infância à fase adulta, Jama vivencia momentos de terror, mas também de amor na maior aventura de sua vida, uma trajetória em busca de sua própria identidade em um contexto intensamente hostil e fragmentado. Apesar das experiências violentas, encontra também pelo caminho muitos gestos de solidariedade como a doação de comida e dinheiro. De criança-soldado (Serve às tropas italianas) a marinheiro, vai entrando em contato também com a diversidade linguística de povos em constante deslocamento. A narrativa é, nesse sentido, permeada de palavras e expressões em somali, árabe, entre outros idiomas, sem que haja a tradução da escritora, como no trecho abaixo:

Na solidão calma de sua *tukul*, ele abriu a mala de papelão do pai pela primeira vez desde que partira de Omhajer. O instrumento musical ele agora reconhecia como uma *rababa* sudanesa, o carro de brinquedo estava coberto de ferrugem laranja que fazia as pequenas rodas rangerem contra seus dedos, e os outros detalhes irrisórios da vida do pai queimaram seu coração. Sua perda voltou de forma aguda, e, naquela noite, ele ficou acordado no escuro, preso ao chão sujo pelo luto por tudo que perdera. Cercado pelos pertences do pai, Jama começou a se imaginar como o único legado dele; tudo que um dia fora seu pai agora estava contido nele (MOHAMED, 2021, p. 205).

Como uma notável filha da diáspora africana, Nadifa Mohamed preza pela exposição dedicada à diversidade complexa do continente africano, sobretudo no que tange aos intensos deslocamentos inter-regionais e transnacionais. Em *Menino mamba-negra*, não faltam referências a essa intensa e superabundante movimentação cultural:

Jama encontrou um grupo de comerciantes usando túnicas brancas e turbantes ao lado da estrada que saía de Omhajer. Um jovem sudanês entre eles viu o estado em que ele se encontrava e lhe ofereceu comida. Juntos, tomaram um caminhão em direção à Abissínia. Logo, o comerciante concordara em empregar Jama como vendedor de chá em suas barracas em K'efty e Adi Remoz, cidades nas vastas terras altas da região de Gondar. Viajaram por cinco dias na traseira do caminhão, maravilhados com o paraíso que atravessavam; a paisagem era de um verde-esmeralda suculento, com mangueiras silvestres cheias de pássaros brincando e cantando e manadas de girafas e zebras reunidas em torno de poças azuis. Jama teria ficado feliz em pular do caminhão e permanecer naquele pequeno céu, mas *shiftas* e patriotas espreitavam entre as árvores e a grama comprida (MOHAMED, 2021, p. 159).

Parte dessa movimentação cultural abarca também a fuga dos judeus do holocausto alemão e representa, por parte da autora, a intenção de apresentar a África como parte fundamental no tabuleiro das dinâmicas da II Guerra Mundial:

O navio era um mundo impulsionado à frente por Jama e outros fogueiros somalis, uma arca com mais de dois de cada: ingleses, irlandeses, escoceses, somalis, poloneses, húngaros, alemães, palestinos; o *Runnymede Park* carregava todos eles da Terra Prometida até uma costa desconhecida. Tinham dito aos refugiados judeus que eles seriam levados para um campo no Chipre, mas era mentira, o Chipre estava bem atrás deles; estavam indo para a Europa para serem feitos de exemplo (MOHAMED, 2021, p. 248).

O romance não é, portanto, feito apenas de dificuldades na vida do pequeno Jama ou de visões nefastas das relações coloniais. A narrativa que se desenrola em um período de doze anos (1935-1947) também apresenta momentos afetuosos como o trecho no qual Jama se apaixona por Bethlehem:

Uma menina sentava-se atrás de um balcão torto de madeira, roncando, com moscas gordas em torno da cabeça. Ele se aproximou e ela pulou, rapidamente limpando a baba do queixo. Era linda, dois olhos negros como abrunhos e lábios vermelhos maduros sobre um longo pescoço de gazela-girafa, a pele de um marrom puro ressaltada por metros de contas de cornalina e âmbar. Ela fora polida com manteiga e creme. Vendo seu olhar de antílope assustado, Jama foi até a moça e pediu um copo de leite, e, com passos rápidos, dançantes, ela foi até a velha vaca no quintal e ordenhou um copo cheio. – Boa tarde – disse Jama, a batida de seu coração disparada (MOHAMED, 2021, p. 196).

É dessa maneira que a autora somali vai estabelecendo uma narrativa rica em construções e desconstruções acerca do imaginário sobre a África, versando, principalmente a encenação de vozes diversas e dispersas em um contexto de fluxos intensos. Por meio da criação ficcional, passa a fazer parte do coro dos testemunhos somali que denunciam os desdobramentos da modernidade ocidental e tem através de Jama, a inscrição do protagonismo africano na história que sempre fez parte. Ao valorizar a resistência das populações africanas frente aos domínios coloniais, reescreve, por conseguinte, a memória de uma determinada conjuntura sócio-histórica traumatizante. A partir de memórias particulares de sua família, Nadifa Mohamed apresenta um quadro mais amplo, de experiência coletiva.